

ANEXO II - RESUMO EXPANDIDO

O Velho E O Novo: Ocupações Educativas Do Espaço Expositivo No Museu Da Língua Portuguesa

Apresentação oral

Relato de experiências de mediação desenvolvidas pelos educadores nas barracas de feira colocadas no espaço expositivo do Museu da Língua Portuguesa nos meses de agosto e dezembro de 2013, dialogando com a idéia de museus criativos e principalmente com a nova museologia; que tem como um dos motes a participação dos visitantes na construção e relação de pertencas com os acervos dos museus.

Considerar o próprio contexto de crise de paradigmas sobre tradição ou mesmo a fluidez dos conceitos de novo ou velho na sociedade contemporânea são efemérides necessárias e frequentes para o cotidiano da educação em museus. A rapidez com que nossas relações se estruturam e as intensas transformações tecnológicas acabam por ressignificar a experiência e a visão sobre essas instituições. Nesse sentido, mais do que exposições, os museus acabam assumindo funções de sensibilização, identidade e alteridade - principalmente, em uma sociedade que acessa com rapidez a informações e conteúdo dos museus fora de seus muros.

Nesse espaço de transformação, onde presente e passado são cada vez mais fluidos, escolhemos como propósito de nossa "ocupação educativa" atividades em que os visitantes pudessem se aproximar de conteúdos e exposições, como forma de garantir o entrosamento entre público e objeto – levando ao visitante a possibilidade de se perceber como parte da expografia, um item de coleção, no que tange a apropriação e identificação cultural com o acervo do Museu.

As barracas "Palavra e Proteção a gosto"; "O Gato é meu e o Azar é Seu" e "O Velho e o Novo" foram, para nós, exemplos de como a extroversão de conteúdos pode se tornar algo que valorize as subjetividades individuais, propiciando o reconhecimento da experiência como aspecto primeiro da fruição em um museu.

Nossa busca nessas atividades, mais do que expor conceitos, era a inserção de todo o conteúdo guardado nas vivências e memórias dos visitantes como uma demonstração da vivacidade e do dinamismo da língua portuguesa – temas centrais de nossa mediação.

O Museu da Língua Portuguesa é reconhecidamente um museu que usa a tecnologia como ferramenta de mediação. Ao mesmo tempo em que o excesso de ruído, a falta de luz e a grande quantidade de computadores e projetores podem prejudicar algumas mediações no espaço expositivo. Por outro lado, em nossas visitas mediadas para o público escolar, observamos que o espaço de maior deslumbre e, por consequência, de maior concentração de visitantes era no vão próximo à saída dos elevadores do segundo andar. Isto posto, estava claro para nós que nossa ocupação deveria estar lá.

As atividades que fariam parte da ocupação surgiram a partir de uma demanda da Secretária de Estado da Cultura. O Núcleo Educativo precisava de atividades que celebrassem o mês da cultura popular (agosto de 2013). À época, questionávamos-nos o que ressaltaríamos e em qual conceito de cultura popular ampararíamos nossa atividade. Para fugir do óbvio e comum, utilizamos como critério práticas da cultura popular no Brasil que são notadamente marginalizadas em credices ou mesmo em preconceitos pelo senso comum. Assim, um de nossos principais objetivos era o de combater o lugar-comum de que essas culturas são

narrativas vazias e sem sentido; acrescentando aos nossos visitantes uma abordagem que valorizasse a simbiose do tema com a língua portuguesa.

Nesse contexto, surgia a barraca “Palavra e Proteção à Gosto”, cujo mote estava no simbolismo das ervas e de objetos de cura, no sincretismo e, principalmente, nas culturas e saberes implícitos nas credences e folclores conhecidos pelas pessoas. Se de um lado, estimulávamos questionamentos sobre formas populares para obtenção de sorte, do outro, questionávamos sobre as formas de se obter azar. Com um gato pendurado em uma fita vermelha, nossos educadores se utilizavam de imagens para representar crenças sobre atitudes geradoras de azar, criando um processo reflexivo da origem e relativização dessas crenças. O jogo não estava somente na passagem de uma barraca para outra; quando a conversa sobre sorte terminava, nossos visitantes eram convidados a intervir na exposição e também deixar suas crenças e rituais não religiosos para evitar as mazelas e obter sucesso pessoal.

Se os saberes populares foram nosso mote em agosto, em dezembro escolhemos como atividade de férias questionar os conceitos de “Velho e Novo” em uma nova barraca. Nesse contexto, estruturamos uma ação em que objetos diversos estariam dispostos para a atribuição de legendas sobre esses itens. Os visitantes também eram convidados a mudarem as “peças” de espaço, levando a conversas sobre curadoria, memória afetiva e, principalmente, o que poderia ser “velho” ou “novo” em uma sociedade em que o tempo pode ser largamente mobilizado e relativizado. Assim, a proposta de curadoria mais do que provocar identificações imediatas, serviu para acessar um conteúdo mais profundo, entronizado na memória individual e, se transposto ao coletivo (como é o caso dos Museus), um domínio da história. Propúnhamos uma “musealização” de um objeto de caráter cotidiano, provocando uma reflexão sobre a autoridade e a escolha de temas em qualquer museu.

Não podemos perder de vista que todo museu representa discursos, nem sempre vistos ou percebidos no espaço museológico. Em muitas ocasiões, visitantes e educadores dessas instituições podem discordar da abordagem ou do que teoricamente se insinua neles. Para além dessas querelas, nossa primeira premissa de trabalho se baseia em um museu vivo, que “desvitrinize” o conteúdo e o coloque em uso e na relação do cotidiano.

Por isso, as barracas do mês de agosto traziam não somente a discussão do trinômio: azar-credence-sorte; mas valorizavam as influências das múltiplas culturas na constituição e difusão desses discursos. Mais do que isso, procurávamos evidenciar a historicidade desses conceitos e, mais ainda, a permanência cultural que muitos deles ainda representam na contemporaneidade. Nossa intenção não foi desconstruir credences, ao contrário, pleiteávamos o combate ao preconceito das práticas populares e, no limite, a “desnaturalização” do próprio conceito de língua portuguesa - desfazendo equívocos de purismo e valorizando o contributo pessoal de cada pessoa e cada cultura nessa construção.

Se em agosto buscávamos valorizar a multiculturalidade do Brasil, absorvendo a estética e os temas de feiras populares, em dezembro colocávamos em dúvida o próprio conceito de museu e curadoria - pontos salientes na maior parte das ações educativas do Museu da Língua Portuguesa. Além disso, nossas mediações transpunham a materialidade dos objetos e caminhavam para a comparação com a língua portuguesa: ora, se objetos podem se tornar obsoletos e sem uso, como esperar que língua e linguagem que servem também para descrevê-los sejam estanques?

Em ambos os casos, nossa ocupação nunca se propôs a superar a discussão do museu, aliás, é a quantidade de abordagens e de interpretações que o acervo e o espaço podem nos oferecer que possibilitou a criação dessas atividades. Entendemos que a interferência no conteúdo e na proposta do museu não precisa ser sempre capitaneada pela curadoria. Os educativos dos Museus podem e devem ressignificar os espaços deles sempre que possível. Nossa ocupação - que atendeu 1928 pessoas nos 2 meses já mencionados - só ratifica e concretiza a necessidade de um trabalho conjunto entre educadores e áreas técnicas do museu.